



"Investing in Africa's Future"

**COLLEGE OF SOCIAL SCIENCES THEOLOGY
HUMANITIES AND EDUCATION**

HPO424 ORAL LITERATURE: THE PORTUGUESE SPEAKING PEOPLE

APRIL/MAY 2017

LECTURER: (A. CHIMUZU)

DURATION: (3 HRS)

INSTRUÇÕES

1. Comece a responder cada questão numa folha nova.
 2. Forneça sempre explicações em detalhe e demonstrações sempre que possível;
 3. Responda as duas questões do Grupo I e apenas duas questões do Grupo II
-

Instruções:

- Comece a responder cada questão numa folha nova.
- Forneça sempre explicações em detalhe e demonstrações sempre que possível;
- Responda as duas questões do Grupo I e apenas duas questões do Grupo II

GRUPO I - RESPONDA TODAS AS QUESTÕES

1a QUESTÃO (10 PONTOS)

Em pelo menos uma página discuta o conceito de Literatura oral no contexto africano.

2a QUESTÃO (10 PONTOS)

Apresente pelo menos 4 características das literaturas orais sem se esquecer de explicar e sempre que necessário dar exemplos dos textos em anexo.

GRUPO II - RESPONDA APENAS 2 QUESTÕES

3a QUESTÃO (20 PONTOS)

Em pelo menos uma página discuta a relação entre a escrita e a oralidade

4a QUESTÃO (20 PONTOS)

Em pelo menos uma página e meia fale sobre as estratégias de "simulação do oral" no texto escrito.

5a QUESTÃO (20 PONTOS)

Usando o texto Damboia para extrair provas/exemplos, construa um texto de pelo menos duas páginas explicando as características principais do conto africano: tempo, espaço, personagens, narrador, estrutura, papéis das personagens, presença do fantástico e maravilhoso, função do conto, e outros detalhes.

Lembrete: Por favor leia as instruções mais uma vez antes de terminar o exame

Bom trabalho

Anexo

Texto I - MALIDZA

Caminhai célere, ó jovens do povo de Quiteve, e vinde ouvir a história de Malidza, que morreu de amor. Uma grande temura agasalhava-lhe o corpo de ébano (que ela protegia para Kilomko, o guerreiro) e punha nos seus olhos cintilações habitadas pelos génios antigos das florestas. O colo guardava a macia tepidez das sombras e era tão silenciosamente como a luz que Malidza percorria as veredas, as savanas. Requestavam-na os mais expeditos; transformou em temeridade a audácia dos mais valentes. Caíram alguns no calor das refregas, peito trespassado pela lança dos guerreiros de Manila. Havia nas suas gargalhadas duas coisas; a alegria da brisa das alvoradas que despenteia as arvores e, também das arvores, a frescura da seiva.

Um dia apareceu na aldeia o nhamessoro para invocar Ziizu, o espírito das águas. Todas as moças acabadas de donzelar na última lua, espantadas ainda pelo prodígio grandioso de um pouco de sangue entre as coxas, dançavam então o seu espanto. Dois embondeiros soberanos, tão cheios de rumores eucarísticos como dois altares, cruzavam as ramagens por cima do terreiro lançando sobre as moças uma bênção de sombra. Malidza, como as outras, dançava. Dançava e ria. Kilomko, de longe, espreitava-lhe o corpo a requebrar-se nos espasmos da dança. Os seus feitos de guerra enchiam de espanto as aringas. Pela noite adiante, quando as famílias se acocoravam em torno das fogueiras, os mais velhos evocavam Kilomko e os mais novos tremiam de uma admiração sagrada.

Caminhai célere, ó jovens do povo de Quiteve, e vinde ouvir a história de Malidza que a certa hora de uma madrugada sem referência encontrou Kilomko. O guerreiro voltava dos seus combates, cabeça emplumada, nos dedos firmes a lança em riste. Malidza estremeceu, nos olhos fundos a mesma grande timidez das gazelas que um pranto sem razão liquefazia. Kilomko não pôde desviar o olhar e a lança caiu-lhe pela primeira vez da mão invencível. Ficaram assim etemidades, silhuetas legendárias de uma aproximação cuja idade remonta à primeira caverna que o homem habitou.

Sabei, jovens do povo de Quiteve, que Kilomko esperava da guerra, para desposar Malidza, o fragor do último combate. Odiava as guerras, mas queria pior aos bárbaros que a impunham à sua gente. Nunca se habituou às amputações da glória, àquele jeito suave com que o sangue dos mais moços embebia a terra, aos gemidos das grandes agonias que despertavam os cumes das florestas.

Mas um dia apareceu na aldeia o nhamessoro para invocar Zúzu, o espírito das águas. O tambor anunciou-o surdamente. Cessou a dança das donzelas e um pedaço de lua tornou mais negro o perfil distante da montanha que assinalava o princípio do reino de Maruça. À primeira batida do tambor imobilizaram-se na posição em que foram surpreendidas as ancas das dançarinas. Veio para o terreiro todo o povo da aldeia.

Seguiu-se a cerimónia do nhamessoro, o batuque, o estrépito das vozes. Todos viram aparecer do fundo das águas, recoberto de raízes, o novo oficiante. Malidza tentou esconder-se atrás das outras, evitar ao olhar rapace do nhamessoro as curvas adolescentes do seu corpo. Tinha chegado o momento da dádiva e o mago poderia escolher, à sua vontade, a jovem que mais o impressionasse. Malidza viu a febre nos olhos de Kilomko. Viu depois que o corpo lhe tremeu de dor enquanto o dedo do nhamessoro apontava para si.

Gritaram as mulheres saudando a escolha. Mas Malidza recuou, recuou sempre, levou consigo o sofrimento de Kilomko e o espanto das outras mulheres que não compreendiam a fuga sacrílega.

Diz-se que a floresta matou Malidza.

Mas notai, ó jovens do povo de Quite vê, que Kilomko sabe onde repousa o corpo de Malidza, que foi encontrar no sítio onde a viu pela primeira vez. Dois abutres debicavam-lhe os olhos. Levantaram para o céu quando Kilomko se aproximou. E o antigo guerreiro também sabe que o espaço agora é mais azul porque o encheram de luz mais duas estrelas.

Carneiro Gonçalves

Texto II - DAMBOIA – Ungulani Ba Ka Khosa

I

Tirando o dia, a hora, e pequenos pormenores, todos foram unânimes ao afirmar que Damboia, imã mais nova de Muzila, morreu de uma menstruação de nunca acabar ao ficar três meses com as coxas toldadas de sangue viscoso e cheiroso que saía em jorros contínuos, impedindo-a de se movimentar para além do átrio da sua casa que ficava a uns metros da residência do imperador destas terras de Gaza que, a seu mando, colocou guardas reais em redor da casa de Damboia, impedindo olhares intrusos e queimando plantas aromáticas que não tiravam o odor nauseabundo, do sangue que cobriu a aldeia durante aqueles meses fatídicos em que o nkuaia (ritual anual e sagrado em que os súbditos, provenientes de todos os cantos do império, à corte se dirigiam, cantando e ofertando iguarias e outras coisas diversas ao soberano dos soberanos que tudo aceitava, no meio de cânticos de louvor ao imperador que no dia último do mês se dirigia ao lhambelo, nomeação do local sagrado, nu e acompanhado, para os rituais que culminavam com a matança de gado e de dois jovens, de ambos os sexos, que entrariam no prato mágico que revigoraria o império e lhes daria forças para a bebedeira que se seguia e ao untento da manhã seguinte onde tudo se discutia com o protocolo e a moderação na linguagem como nos , actuais parlamentos e assembleias) não se realizou, apesar de se estar num ano de tumultos e guerras, porque a mulher da corte fora acometida por uma doença estranha, nunca vista nestas terras desde o tempo em que outra mulher, de nome Misiui, perdera leite pelos seios durante anos sem fim, enchendo potes e barris e levando gente de aldeias distantes e dos pântanos impenetráveis a visitarem-na com a curiosidade expectante de verem a mulher safara, de seios da dimensão de grãos de milho, que com todos conversava e fomecia leite às crianças e velhos doentes e moribundos.

Mas isso aconteceu em tempos recuados e não tocou uma mulher da corte como Damboia. Por isso, dizia Ngungunhane, mais importante era ela que os assuntos do império e enquanto eu estiver vivo as assembleias podem faltar, eu represento a todos, homens, mulheres, velhos e crianças deste império sem fim., dizia isto com toda a pujança na voz, como se os milhares de vassalos coubessem no corpo bojudo que a todos ostentava e que medrava de dia para dia com as responsabilidades infinitas que o império lhe dava, resolvendo-os com a voz e os gestos, pois papel não havia e as ordens eram escritas pela voz tonitroante que ressoava nas manhãs e tardes chuvosas e secas. Mandai arautos por este império avisar, dizia, que Damboia padece de uma doença mortal, contraída ao serviço do império que as suas mãos ajudaram a erguer, e todos, chefes e súbditos, amos e vassalos, devem pedir aos antepassados remotos e recentes para que a salvem desse mal incurável como fizeram com essa serva de nome Mfussi que outra coisa não via em seu redor que serpentes vermelhas e pretas a abraçarem-na, dia e noite, andasse por onde andasse. E não será à Damboia, mulher da corte e não vassala como essa Mfussi e outras mais, que a voz dos espíritos não esconjurará os males de que padece. Salvem-na desta desgraça que não tocou a ele mas a todos, e se ela se vai, vai-se o império, homens! E por isto e outras coisas mais que vos aprouver dizer, para o bem do reino, o nkuaia não se realiza. Na capital não ressoarão esses cânticos de louvor que nos

rejuvenescem. Os guerreiros não baterão os escudos do bayete, levantando a poeira pré-histórica dos nossos antepassados esquecidos. O Sol e as nuvens não tomarão a cor dos dias da vitória, e o vento não trará a voz inapagável dos heróis nguni. Por isso, as leis que vigoraram até aqui irão vigorar, e eu serei homem de mais leis emanar quando para isso for necessário, porque o império é meu, e o poder pertence-me: Ide, vassalos, e apagai as tochas que por este império estiveram acesas. E para que os machope não se riam da nossa dor, tu, Maguiguane, vai por essas terras espalhar a morte e a dor. Eu quero que todos, mas todos, se compadeçam com a dor que nos atacou. Ide, guerreiros, que o império vos salvaguarda, agora e depois da morte.

II

Quanto ao dia em que Damboia, postada ao umbral da sua casa, sentiu o sangue viscoso a escorrer pelas coxas, prenunciando o luar interminável da sua morte, as opiniões divergem.

Malule, que guardara a casa sinistrada de olhares intrusos, dissera-me que nesse dia as copas das árvores foram arrasadas pelo vento maldito que vinha carregado de conchas das profundezas abissais do mar distante.

A tarde caía. As casas choravam. E os homens, tremendo, recolheram tudo o que de essencial tinham fora das cubatas e entraram nas casas que gemiam com o vento e esperaram pela noite, rogando aos espíritos a cessação imediata daquele vento maldito. A noite chegou.

No céu havia estrelas brilhantes e a Lua tinha um corte ligeiro. Não havia nuvens. E o vento, aumentando de intensidade, tirou o tecto das casas mais pobres e expôs à noite dos espíritos a pobreza de todos os séculos dos homens sem guarida e nome.

Ao amanhecer começou a cair uma chuva amarela, forte, de gotas grossas e pegajosas como a baba do caracol. Durante sete dias e sete noites as populações dos arredores de Mandlakazi, nome que as capitais do império levavam, sentiram na pele aquela chuva anormal. Na aldeia real havia sol e vento calmo. Nos primeiros dias era normal ver Ngungunhane dirigir-se aos arredores, acompanhado pelos maiores do reino, e contemplar aquela chuva azeda, apelando para a calma, tudo vai passar, a gazela não dança de alegria em dois lugares, homens, é preciso calma, muita calma.

Os que queriam refugiar-se na aldeia real recebiam chicotadas da guarda. E com razão, pois ninguém sabia que doença é que transportavam, assim porcos, cobertos daquela massa pastosa como se de ranho se tratasse.

O rei tinha razão em afastá-los. Ele teria que viver para todo sempre, nem que isso custasse a vida de todos os súbditos.

Ao quarto dia os homens da corte refugiaram-se nas casas e deixaram de aparecer à rua. Um fenómeno estranho passava-se nos arredores: cadáveres sem nome e rosto apareceram à superfície das águas lodosas, se é que era água aquele líquido pastoso e espesso. Tinomba, chefe da aldeia circunvizinha, percorreu casa por casa a povoação, contando os vivos e perguntando pelos mortos que todos desconheciam, durante três dias e três noites, tempo igual de permanência dos cadáveres que desapareceram misteriosamente com a cessação da chuva, na sétima noite, o que levou os curandeiros a afirmarem que eram cadáveres de outros tempos esquecidos que vieram chamar atenção àquele povo que nada respeitava, e que murmurava tudo o que ouvia e o que não ouvia.

No sábado último do mês terceiro da dor, Damboia morreu. No dia seguinte, os cinco homens mais fortes da zona acordaram impotentes para toda a vida. E isso não foi o mais importante durante aqueles meses todos. A pior coisa que aconteceu durante aqueles meses foram as palavras, homem! Elas cresciam de minuto a minuto e entravam em todas as casas, escancarando portas e paredes, e mudavam de tom consoante a pessoa que encontravam. A violência que Ngungunhane utilizou para sustá-las não surtiu efeito. Elas percorriam as distâncias à velocidade do vento. E tudo por causa dessas tindhoco — nomeação em tsonga dos servos — que saíam da casa de Damboia com os sacos cheios de palavras que as lançavam ao vento. Malvadas! Onde já se viu um indivíduo sem rosto vituperar uma pessoa da corte, uma mulher que todos servíamos com respeito e amor?... Pécoras, bestas sem nome, eram elas que levavam no saco histórias inventadas, dizendo que Damboia sofria da doença do peito que faz vomitar sangue pela boca, mas que ela vomitava entre as coxas, em paga da vida crapulosa que levava.

— Crapulosa?

— Não liguês. São palavras do vulgo. Não têm fundamento. Damboia teve a vida mais sã que eu conheci.

— Para onde vai o fumo, vai o fogo, Malule.

— Nunca hás-de encontrar água raspando uma pedra. Deixa-me falar. Eu conheço a verdade. Vivi na corte...

— Mas qual é o homem que não tem ranho no nariz, Malule?

— Se Damboia teve erros não foram de grande monta. Ela meteu-se com homens como qualquer mulher. E nisso não nos devemos meter. O tecto da casa conhece o dono.

— Mas o caracol deixa baba por onde passa.

— É tudo mentira o que ouviste por aí. Da boca dessa gente, só saem chifres de caracol. Inventam

histórias, fazem correr palavras, dormem com elas, defecam-nas em todo o lado. É tudo mentira. Eu vivi na corte...

— Mesmo que caminhes numa baixa, a corcunda há-de ver-se, Malule.

Os olhos coriscaram na noite. Colocou duas achas no fogo que morria e recusou-se a abrir a boca. Não insisti.

III

Ciliane, que fora serva de Damboia, contou-me, com a sua voz roufenha, marcada pela velhice, uma versão diferente, afirmando a partida que Damboia tivera, naquele dia fatídico, os momentos mais felizes da sua vida.

Pela manhã conversou com o curandeiro que afirmou, entre outras coisas, que a realeza não é frequente, frequente é a vassalagem, advertência que ela não quis ligar, deslumbrada que estava com a manhã de sol a escorrer pelas árvores gigantes e anãs, enquanto os pássaros de mil cores trauteavam melodias nunca pautadas. Ao afastar-se da casa do curandeiro pôs-se a andar ao acaso, bamboleando o traseiro farto de carnes, pegando e despegando folhas castanhas e verdes, rindo por tudo e por nada, até que se cruzou com Ciliane que vinha com uma bilha na mão direita do seu corpo jovem e cansado de tantos trabalhos feitos e por fazer até adiantada idade em que as mulheres se arrastam às fogueiras onde contam histórias de nunca acabar, como a que Ciliane me contou sobre Damboia, megera e crapulosa mulher da corte de Ngungunhane.

— Para onde vais, Ciliane? — perguntou Damboia.

— Ao rio.

— Vamos juntas — disse, acompanhando-a, ela à direita e Ciliane à esquerda, pelos carreiros intermináveis, ladeados de plantas seculares que não iam além de um metro de altura. Ciliane mudou a bilha da mão direita para a mão esquerda e pôs-se a olhar continuamente os pés, sem saber o que dizer à Damboia que sorria, olhando as aves cortando o céu.

— Sabias que a mulher de Mosheshe meteu-se pelos pântanos, seguida pelos filhos menores? — perguntou Ciliane, olhando para os tomozelos de Damboia, enrodilhados de missangas que reverberavam ao sol.

— Não, não sabia. Por que fez isso? — retrucou, desinteressada.

— Não suportava ver-te.

— É corajosa... E o que se tem dito por aí?

— As palavras de sempre: és uma megera.

Mas porquê, Ciliane?... Que mal lhes fiz?

— Mataste homens, Damboia. Mataste Sidulo, Mosheshe, Sigugo e outros.

— E quem não matou, Ciliane? — os olhos caíram sobre Ciliane, lancinantes, aquilinos.

— Muitos.

— Mentos. Todos matamos. Tu já me mataste de diversas maneiras.

Eu não. Nunca pensei na tua morte. Limito-me a dizer o que se fala por aí. E são eles que afirmam que mataste inocentemente homens honestos.

— Não me faças rir.

— É o que dizem....

— Alguma vez recusaste ordens do teu amo?

— Nunca.

— Eles recusaram as minhas ordens.

— Mas que ordens, Damboia?... Não achas humano um homem recusar ir à cama com uma mulher?

— Quem eram eles para recusar as minhas ordens?... Gente da rua, sem nome, gente que nunca sonhou transpor a porta da minha casa. Se fossem homens de palavra ter-me-iam recusado na altura que lhes aponte o dedo.

— Temiam-te.

— E por que deixaram de me temer?

— Só tu é que deves saber... Antes de morrer, Mosheshe teria dito, segundo me contaram, que

aqueles que o impontaram do mundo dos vivos teriam uma morte terrível.

— Referia-se a mim?

— Tu é que o mataste.

— Mandei-o matar, é diferente. Mas não foi o primeiro. Sidulo afirmou na minha presença que larvas iriam percorrer o meu corpo enquanto viva.

— Os dias nascem com cores diferentes, Damboia.

— É possível, mas eu vim de longe, Ciliane. Os piores dias virão com a velhice que detesto.

Mantiveram-se em silêncio contemplando as águas do rio que corriam pela planície, meneando as ancas reluzentes. Damboia despiu-se e atirou-se às águas. Estava bonita, disse Ciliane, aproximando uma acha de fogo. Era uma beleza indescritível, serena. Creio que a morte já tinha entrado naquele corpo esbelto. Ao entrar da tarde ela correu pela aldeia real, brincando com as crianças que nunca tivera. Cumprimentava a todos que com ela se cruzavam. Ao fenecer do dia postou-se no ádito da sua casa e pôs-se a contemplar o Sol a cair, vermelho. Era quinta-feira. Mosheshe fazia duas semanas de defunto. Recordo-me que ela teria dito que aquele fora o melhor dia da sua vida. Estava radiante. Quando o Sol caiu ela sentiu o sangue a escorrer e limitou-se a dizer, sem grandes preocupações, que os dias estavam trocados. Entrou na cubata e não mais saiu dela com vida. E só foi pela noite adentro, se bem me recordo, que ela chamou por mim. Não havia estrelas no céu. Não havia luar. O vento era calmo.

Quando entrei, gatinhando, senti as mãos a escorrerem por uma massa lodosa. Pensei que fosse água, mas não era. O chão estava empapado de sangue, e Damboia estava de pé, serena como sempre. Indicou-me o chão com os olhos e com as mãos. Passei a noite inteira emundando o chão. Ao raiar do dia notei que o sangue tocava os artelhos. Damboia tinha a capulana empapada de sangue. As paredes estavam tingidas de vermelho. O cheiro que pairava era o mesmo que as mulheres tinham em certos dias do mês. E eu estava cansada. Damboia nada dizia. Quem a visse naquela posição, erecta, distante, diria que ela pensava nos antepassados que nunca conhecera. De pé, com o corpo coberto de sangue eu esperava que ela dissesse qualquer coisa. Vai chamar Ngungunhane, disse, respondendo ao meu pensamento.

Quando saí da cubata notei que o Sol tinha as cores de sempre. As árvores estavam no mesmo lugar e as aves trauteavam as cantigas já conhecidas desde o princípio de todos os tempos. Os velhos andavam à deriva, sorvendo a manhã. As mulheres atijavam o fogo e as crianças corriam, alegres. O mundo estava no mesmo lugar, facto que me espantou.

A conversa que ela teve com Ngungunhane levou horas e ninguém soube o que falaram. Mais tarde soube que o nkuaia não se realizaria. Esta decisão não foi acatada pelos velhos, pois o nkuaia não se realizava no ano em que o rei morria. Damboia não era soberana e não estava morta. Mas depressa os velhos acomodaram-se sobre o facto e os dias correram. Recordo-me que quando trouxe mais tinhoco[O Designação de escravos em língua tsonga. (N. do A.)] para limpar o chão e tratar da Damboia a casa estava cercada pelos guardas e o átrio estava inundado de sangue que a terra recusava digerir. As bilhas partiram-se aos bocados quando tentamos enchê-las de sangue. Optamos por tapar o sangue com a areia. E o sangue, para o espanto de todos, exsurgia sempre, atingindo a altura dos tomozelos. Damboia não falava, olhava. E só foi nos finais do primeiro mês que ela quis abrir a boca de novo.

As palavras não saíam. A loucura invadiu-a. Começou a andar de gatas e a trepar as paredes da casa, como um réptil em desespero. Durante a noite uivava como os cães. Muitos dos guardas que cercavam a casa ficaram surdos para toda a vida e outros tiveram e têm acessos de loucura de tempos em tempos, como o Malule com quem falaste ontem. Outros, incapazes de suportarem aquele cheiro, largaram as armas e meteram-se pela floresta adentro, à procura da morte. O rei chamou os curandeiros famosos na zona mas pouco fizeram. Houve um, no entanto, que ficou dias e dias falando uma língua que ninguém entendia, e a única coisa que conseguiu foi trazer à razão Damboia, nas quintas-feiras últimas de cada mês. Nesses dias o sangue parava de jorrar e ela conversava com todos, alheia ao drama da sua vida. Como podes ver ela teve dois dias de lucidez naqueles três meses. E para muitos foi a pior coisa que o curandeiro fez, pois ao entrar da noite os uivos

recomeçavam com uma intensidade brutal e o sangue saía em catadupa.

Ao segundo mês, creio, choveu como nunca durante duas semanas. O sangue dela escoou ao rio, tingiu-o de vermelho e matou os peixes que os nguni não comiam. Os crocodilos passaram a viver nas margens.

Era normal vê-los à soleira das nossas portas ao raiar do dia. A princípio tentamos expulsá-los, mas eles vinham em maior número, aos milhares. Alguns velhos suicidaram-se. Outros, velhos e novos, morreram de sede, pois a água estava contaminada ao longo da extensão do rio. O lago das proximidades estava contaminado. E os poucos poços que haviam estavam reservados às pessoas da corte. Ngungunhane andava de um lado para o outro, afirmando que no império tudo andava bem e que havia grandes progressos, pois as colheitas nunca vistas encheram celeiros de nunca acabar, e as crianças que nunca nasceram vieram ao mundo mais gordas e sãs, e os velhos duravam mais anos, e os guerreiros mais batalhas ganhavam. Os que diziam o contrário eram pendurados nas árvores. Todos são felizes, e se o nkuaia não se realiza é porque Damboia está doente, homens, dizia, bramindo as mãos e elevando a voz. Se algo nos deve atormentar é a doença de Damboia. E passamos aqueles meses ouvindo essas palavras em todos cantos. Diariamente morriam pessoas, mas afirmava-se que morriam por velhice adiantada. Os que se suicidavam eram doentes mentais, indivíduos atacados pelos espíritos malignos.

E os meses foram passando. E foi na quinta-feira última do mês terceiro da dor que Damboia, no meio da noite, deu o uivo mais lancinante que se ouviu durante aqueles meses. Morreu. Na manhã seguinte começou a chover e à superfície das águas apareceram nados-mortos das mulheres que sempre sonharam ter filhos. E era terrível termos que calcar aqueles corpos que se desfaziam aos nossos pés. Ngungunhane, magro e sem voz, circulava como um sonâmbulo perdido, fumando mbhangui toda a hora.

Damboia, Ungulani Ba Ka Khosa, in Ualalapi, cap II